



## **Construção de Identidades Argentinas a partir das representações midiáticas acerca da presidente Cristina Kirchner<sup>1</sup>**

Tabita Strassburger<sup>2</sup>  
Rejane de Oliveira Pozobon<sup>3</sup>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS  
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O texto busca pensar a construção das Identidades Argentinas a partir das representações midiáticas acerca da presidente Cristina Fernández de Kirchner. Utiliza formações discursivas apresentadas por Zero Hora no ano de 2008, período em que setor rural e governo entraram em impasse na Argentina, devido à implantação do sistema de retenções móveis. Tomando o fato de Cristina ser a primeira mulher eleita presidente por voto direto no país e a condição de esposa de ex-presidente, importa refletir sobre suas representações perante uma conjuntura conturbada. Ainda, pensando a relevância atribuída à temática pela mídia gaúcha, observa como são construídas as Identidades Argentinas no discurso de Zero Hora. Desse modo, apreendendo noções da Análise de Discurso Francesa, procura considerar o contexto no qual os discursos se inserem e a historicidade das relações entre os dois países.

**Palavras-chave:** Identidades Argentinas; Representações Midiáticas; Análise de Discurso Francesa; Cristina Kirchner; Zero Hora.

### **Sobre Argentina e argentinos: representações, identidades e estereótipos**

O ano de 2008 pode ser considerado um período de crise para a Argentina. Talvez não um momento tão duro quanto outros que o país vivenciou, mas certamente também teve seus efeitos. O impasse recebeu ampla cobertura da imprensa mundial, com destaque para a brasileira devido às intensas e históricas relações entre esses países.

O embate começou em 11 de março, quando o governo argentino, representado pelo então ministro da Economia, Martín Lousteau, tomou medidas que modificavam o chamado sistema de retenção<sup>4</sup>. Os reclames surgiram pouco tempo depois. Logo, o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. (tabita.strassburger@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. (rejane.op@terra.com.br).

<sup>4</sup> As “retenciones” argentinas são taxas sobre a exportação de grãos e, pela alteração, via Resolução 125/08, elas se tornariam retenções móveis com alíquotas podendo oscilar conforme os preços do mercado internacional.



governo e a classe média rural entraram em conflito. Os ruralistas fizeram paralisações, exigindo uma postura que desconsiderasse as retenções móveis. A população urbana passou a se manifestar. Faltava alimentos nos mercados e o desabastecimento atingiu algumas regiões de modo grave. A camada mais popular pedia o fim do “paro” e da crise e manifestava incondicional apoio a Cristina. Na sequência, os trabalhadores da área dos transportes apareceram nesse cenário. Caminhoneiros protestavam nas estradas bloqueadas, articulando movimentos contrários às manifestações dos ruralistas.

Os quatro meses que sucederam foram de embates políticos e econômicos. Por fim, a Resolução foi votada no Senado. Após empate entre contrários e favoráveis, o voto final (de Minerva), dado pelo vice-presidente do país e presidente do Senado, Julio Cobos, apontou o fim do sistema de retenções móveis determinado pelo governo. Em 18 de julho, o chefe de Gabinete de Ministros, Alberto Fernández, anunciou a revogação do decreto e o estabelecimento de outro<sup>5</sup> que anulava a medida anterior. Em síntese, essas foram algumas das questões que levaram à crise argentina de 2008.

Nesse momento, é fundamental referenciar outros fatores<sup>6</sup> que motivaram a configuração adotada no desenvolvimento da pesquisa<sup>7</sup>. Assim, somando-se à crise, pode-se enfatizar a crescente atenção e cobertura atribuídas pelas mídias do Brasil, com destaque para a gaúcha, à temática argentina, muito em virtude da globalização e das novas tecnologias.

Ainda, cabe atentar que, em 2007, a Argentina teve pela primeira vez uma mulher eleita, por voto direto, presidente do país, Cristina Fernández de Kirchner. Além disso, Cristina é esposa do ex-presidente, e figura importante na política argentina, Néstor Carlos Kirchner. E, nesse contexto, impossível não relacionar a posição feminina à imagem mítica de María Eva Duarte de Perón, a Evita.

Por fim, o valor simbólico presente nas relações entre Brasil e Argentina foi determinante para a referida pesquisa. Perpassadas historicamente, essas relações guardam traços que nem se sabe de onde vêm, por estarem há muito arraigados na

---

<sup>5</sup> O novo decreto, de número 1176, limitava a vigência da medida anterior e ordenava “dejarlas sin efecto para que puedan discutirse, en democracia y pluralidad pero con instituciones que estén exentas de presiones” (as informações e o decreto 1176 estão no endereço da Presidência Argentina <[http://www.casariosada.gov.ar/index.php?option=com\\_content&task=view&id=4714](http://www.casariosada.gov.ar/index.php?option=com_content&task=view&id=4714)>).

<sup>6</sup> Importa relatar, aqui, a opção de não trabalhar questões relativas a gênero no decorrer da pesquisa. Embora alguns pontos remetam à temática, devido a sua complexidade, e ao objetivo proposto pela pesquisa não estar diretamente relacionado a ela, definiu-se que tais reflexões seriam deixadas para outra oportunidade.

<sup>7</sup> O artigo que se apresenta é resultado da pesquisa monográfica de mesmo nome, desenvolvida no segundo semestre de 2009, com o objetivo de concluir o curso de Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria.



sociedade. Marcas que se apresentam nos discursos midiáticos e que circulam no meio social como representações e estereótipos do que é ser argentino, do que seriam as Identidades Argentinas.

Colocadas essas questões, é imprescindível atentar aos conceitos de representações e identidades. Noções caras ao âmbito comunicacional, encontram espaço em inúmeros autores e apresentam características complexas e definições em aberto. No momento, o que se busca são apontamentos que favoreçam a compreensão dos conceitos junto ao objeto elegido.

Partindo dessa perspectiva, enquanto instância de divulgação e legitimação de todo tipo de representações, a importância midiática é inegável. No entanto, é preciso ter em mente que essas representações não partem apenas da mídia, mas também de inúmeros outros mediadores. Elas agem tomando a esfera da socialização, englobando-se ao cotidiano e se tornando senso comum, nos mais diversos contextos sociais.

Nessa direção, o estudo dialoga com a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici. Elaborada no âmbito da Psicologia Social, a pretensão no momento é refletir a partir do olhar da Comunicação. Para tanto, propõe-se uma aproximação de suas concepções e do contexto comunicacional, com ênfase no jornalismo. Desse modo, segundo as teorizações do autor (2004, p. 10), as representações sociais seriam entidades quase tangíveis, que

circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos.

Pode-se dizer que elas corresponderiam tanto à substância simbólica quanto à prática que produz essa substância. Soma-se a isso outro propósito das representações sociais, o da familiaridade. O tornar o não-familiar, a não-familiaridade, em algo familiar. Moscovici (2004, p.55) afirma ser a dinâmica das relações “uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas”. Por vezes, isso resulta na prevalência das imagens sobre a realidade.

Estudando as representações e seus efeitos na realidade, torna-se fundamental direcionar a pesquisa para o conceito de representações midiáticas. Inicialmente, é preciso elucidar que a mídia também é composta por uma mescla de informações e



interferências dos mais variados campos. Por conseguinte, as representações midiáticas não ocorrem de forma unilateral, mas recebem inúmeras influências das várias instâncias presentes na sociedade.

Através de todas as intervenções que a atinge, em suas práticas discursivas, a mídia pode oferecer representações que naturalizam certos vieses. No entanto, essas representações não são necessariamente tomadas pelos indivíduos. A sociedade pode aceitar, não aceitar, ou ainda reconfigurar as elaborações midiáticas.

Para Silveira (2004, p. 13), as representações poderiam ser tomadas tanto por sua ação de produzir uma reprodução de um original, em sua qualidade imediata, quanto pela sua possibilidade de se constituir em reprodução mesma, em sua qualidade mediata. “Representação, assim, sugere algo dado que no ato de representar *duplica a algo de alguma maneira* e que, ademais, encontra-se *in absentia*” (Idem, grifos da autora). Corresponderia às representações, portanto, um “fazer-se presente”, considerando seu caráter de atuar “em ausência”, fazendo visível o invisível, presente o ausente, evocado o esquecido.

Em meio a tal reflexão, instaura-se o mote das identidades, também representadas junto à mídia e à sociedade. Conforme Silva (2000), a identidade seria uma construção, um efeito, uma relação, seria instável, contraditória, fragmentada, inacabada. Estaria ligada a estruturas discursivas e narrativas, a sistemas de representação e às relações de poder.

Outro aspecto que merece destaque é o caráter relacional das identidades. Para existir, uma identidade necessita de outra, ela é marcada pela diferença. Sendo assim, a identidade argentina existe a partir de algo que exterior a ela, no caso, a brasileira. É preciso a existência de uma identidade que ela não é, de uma relação com o Outro, que a difere ao mesmo tempo em que lhe dá condições de viver.

Esse ponto é reiterado por Bhabha (2007, p. 86), ao afirmar que “o Outro deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade lingüística, simbólica, histórica”. Desse modo, o jogo entre identidade e diferença é fundamental para organizar as referências de uma determinada identidade.

Relacionado a isso, convém ponderar sobre as fronteiras entre “nós” e “eles”. Com as mudanças tecnológicas as relações entre os países estão cada vez mais próximas, e todos os tipos de informações são divulgados em escala mundial. Simbolicamente, há uma verdadeira inserção da vida de “um” na vida do “outro”, mesclam-se culturas e experiências tidas como próprias de certo grupo. Além de uma



interminável mistura e fragmentação de identidades, o resultado é que as identidades de um país – e de seu povo – causam maior impacto naqueles ao seu redor.

Em geral, a situação ocasiona apenas um conhecimento superficial do Outro e tende a construir representações padronizadas. É o processo de estereotipia que corresponde a um modo de generalizar, sugerindo formas de relação em sociedade. O termo por si só já comportaria referência ao pré-determinado, fixado e cristalizado, pois deriva do grego “*stereos*”, ou seja, sólido, e “*týpos*”, que significa molde, sinal, marca.

A circulação, transmissão e legitimação dos estereótipos ocorrem através das mediações da vida social. Amigos, escola, família, igreja, mídia são algumas das instâncias atuantes na consolidação, ou modificação, dos modos de representar situações, pessoas, objetos, enfim, o mundo ao seu redor. É preciso enfatizar que, mesmo associando os estereótipos ao que está previamente definido, eles não são estáticos. Podem ser renovados, ganhar novos contornos, podem ser modificados, seguindo a dinâmica da vida social e de suas novas demandas.

Assim, para compreender como são construídas, divulgadas e legitimadas todo tipo de representações, acredita-se de suma importância análises e reflexões, como a que se apresenta. Por meio de problematizações, pretende-se buscar um entendimento do discurso jornalístico sobre a temática abordada, e visualizar as características apontadas pelo discurso de Zero Hora acerca da Argentina, dos *hermanos* e de sua presidente.

### **Caminho metodológico: entre o poder e não poder do discurso**

A referida pesquisa utiliza textos escritos, verbais, publicados na versão impressa de Zero Hora. A escolha do periódico ocorreu devido à relevância que apresenta enquanto principal impresso junto à população gaúcha e aos argentinos que vivem no Rio Grande do Sul. E ainda pelo modo como desenvolve a temática argentina, trazendo as informações de forma singular e dando representativo espaço aos conteúdos.

Quanto à seleção das notícias, inicialmente, definiu-se o ano de 2008, por ser a época do impasse entre os ruralistas e o governo. Na continuidade, foram escolhidas quatro palavras-chave utilizadas para a busca, junto ao arquivo do jornal, e relacionadas diretamente à problemática: Argentina, Cristina Kirchner, ruralistas e crise. Partindo desses dois critérios de delimitação, o corpus final totalizou 15 matérias.

Com referência à abordagem metodológica, os estudos norteadores apresentam suas bases na Análise de Discurso de linha francesa, com as obras do pioneiro Michel Pêcheux. A metodologia elegida admite uma perspectiva mais ampla dos contextos em



que estão envolvidos os discursos, fato de extrema importância para a pesquisa devido às relações e ao envolvimento históricos entre Brasil e Argentina.

Para apreender o discurso, é fundamental considerar os processos e as condições de produção da linguagem, o homem na sua historicidade, relacionar linguagem e exterioridade. A AD considera o modo como a linguagem se materializa na ideologia e como a ideologia se manifesta na linguagem. Ao empreender tal análise é preciso ter ciência de que quando alguém fala, fala de algum lugar, e fala com algum objetivo, a partir de posicionamentos.

Essa relação língua-discurso-ideologia se complementa, como afirma Orlandi (2007, p. 17), citando Pêcheux (1975), pelo fato de que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Assim, o discurso é o lugar em que se observa a articulação entre língua e ideologia, com a língua produzindo sentido junto aos sujeitos.

Nessa direção, importa saber ainda que o sujeito não é dono do seu dizer, estaria sempre repetindo discursos outros, mesmo que de modo inconsciente. Um discurso sempre está marcado pela presença de outros discursos, pelo discurso do outro. Os discursos pré-existiriam, sendo apenas repetidos e reafirmados pelos sujeitos. Dessa maneira, munido do próprio discurso e daqueles advindos de outros campos, é que o jornalismo produz e faz circular efeitos de sentido junto à sociedade. As representações que divulga e legitima podem já ser parte constituinte das relações sociais, bem como novos vieses para essas construções.

Considerando esses pontos, na sequência, pondera-se sobre o conceito de formações discursivas (a partir de agora, FD), uma noção introduzida por Foucault e reformulada por Pêcheux no quadro da AD. Passando pela questão da formação social relacionada às classes sociais, aparecem as posições políticas e ideológicas, que incluiriam uma ou várias FD interligadas, determinando o que poderia e deveria ser dito, em uma posição dada em uma conjuntura determinada. As palavras mudariam de sentido conforme mudariam de uma FD para outra.

Desse modo, Pêcheux (1997, p. 53) coloca toda descrição como “exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. Seria o princípio do ato de interpretar, no qual todo enunciado poderia ser tomado de modo abrangente à leitura e interpretação. Retomando a problematização de Pêcheux, nas palavras do próprio intelectual, tem-se que uma FD seria “aquilo que,



numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*” (PÊCHEUX, 1997b, p. 160, grifos do autor).

Seguindo essa perspectiva, encontra-se em Benetti (2001) que as FD se constituem por reiterações de sentido, ou seja, pela repetição de um mesmo sentido construído no decorrer de enunciados diferentes. O princípio remeteria à interpelação do sujeito, que em determinados lugares pode dizer uma coisa a uma pessoa, e que em outros, não pode dizer a mesma coisa a outra pessoa. Conforme Benetti (2007, p. 117), a FD traria “a posição de sujeito que a determina: ‘naquela’ posição, ‘naquela’ conjuntura social e histórica, apenas alguns sentidos ‘podem e devem’ ser construídos”.

Na maioria das vezes, o processo ocorre sem que os sujeitos tenham consciência de sua colocação nos discursos e sem que observem a construção dos efeitos de sentidos e da carga ideológica presentes nessa materialidade discursiva. Pode-se afirmar que o sentido não existe em si mesmo, não está na literalidade das palavras, mas na sua articulação com outras, por meio das metáforas e transferências que se colocam em relação nas FD.

Nessa direção, as FD foram pensadas a partir dos sentidos reiterados pelo jornal em suas sequências discursivas (SD). Para nortear a pesquisa, considerou-se “reiteraões” os sentidos presentes em pelo menos três matérias diferentes. Simplificando, as SD são trechos recortados para a análise e o relato da pesquisa. Através do mapeamento dessas sequências é que seriam apontadas as FD. Referente a isso, cabe alertar que todos os grifos presentes nas SD são marcações utilizadas com o intuito de frizar os sentidos trazidos pelo discurso.

Segundo Benetti (2007), cada pesquisador tem seu modo de organizar e nomear as FD. Elas são determinadas pela exterioridade e se constituem de uma escolha, de fato, do autor discursivo. No entanto, ele não pode construir interpretações simplesmente com base em suas impressões, mas sim, construí-las justificadas pelos textos analisados. Assim, considerando as palavras utilizadas na busca e a finalidade da pesquisa, optou-se por numerar as FD e nomeá-las de acordo com o sentido principal que se apresenta em cada uma delas.



## **Nosso vizinho, a Argentina: a crise do país em Zero Hora**

Na sequência, a pretensão é apresentar as FD<sup>8</sup> presentes nos arquivos textuais selecionados e, através de exemplos de SD, contribuir com o entendimento dos sentidos construídos no discurso de Zero Hora. Para tanto, importa ressaltar que é dado destaque às FD que mais apresentaram SD no periódico e àquelas consideradas mais pertinentes ao objetivo da pesquisa (FD1 e FD6, respectivamente).

A FD1 foi chamada “O enfraquecimento do governo Cristina Kirchner” por suas SD apontarem sentidos referentes à rejeição do decreto das retenções, aos fracassos nas negociações do governo com os ruralistas, às derrotas sofridas frente ao Senado e à perda de popularidade da presidente Cristina Kirchner junto à população argentina. A utilização de expressões como “derrota”, “fracasso”, “sem solução”, aludindo à governante, demonstra a forma como as representações foram elaboradas por Zero Hora, durante o ano de 2008.

**Fracassa diálogo** entre governo e produtores (SD1)<sup>9</sup>.

**Foi frustrada a tentativa de encontrar uma solução para a crise** entre o governo de Cristina Kirchner e ruralistas argentinos (SD2)<sup>10</sup>.

Por um longo período, as representações da presidente da Argentina foram construídas atreladas principalmente à beleza e aos cuidados femininos. Apesar de não ser constante em 2008, percebe-se que essa característica é retomada na próxima SD.

**As rugas do governo Cristina** se evidenciam nas pesquisas de opinião, que, segundo o Instituto Poliarquia, mostraram **queda de 21 pontos percentuais na popularidade do governo** desde o início do conflito com os produtores rurais, 90 dias atrás. **Em relação ao início do ano, a queda chega a 30 pontos.** No dia 10 de dezembro, quando tomou posse, a presidente **tinha 51% de avaliação positiva. Passou, ainda, para 56% em janeiro.** Na pesquisa realizada três semanas atrás pelo mesmo instituto, **ela estava com apenas 26% de aprovação** (SD3)<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> As FD encontradas foram: FD1 – Fracassos do Governo Cristina Kirchner, FD2 – A Presidência dos Kirchner, FD3 – A pressão dos ruralistas, FD4 – Manifestações pela Argentina, FD5 – Reminiscências de crises anteriores, FD6 – Prejuízos para o Brasil. Em virtude do espaço, nesse artigo, elas são colocadas direta e resumidamente.

<sup>9</sup> Título da notícia “Fracassa diálogo entre governo e produtores”. *Zero Hora*. Sábado, 24 de maio de 2008, p. 29.

<sup>10</sup> “Fracassa diálogo entre governo e produtores”. *Zero Hora*. Sábado, 24 de maio de 2008, p. 29.

<sup>11</sup> “Em meio ano, governo Cristina desanda”. *Zero Hora*. Domingo, 08 de junho de 2008, p. 34.





Quando traz “as rugas do governo Cristina”, aponta-se um lado considerado negativo do envelhecer. As marcas que o corpo passa a apresentar pelas alterações na pele são trazidas para evidenciar que o governo não é mais como antes, a face bela da Presidência estaria se deformando.

Ainda, na SD3, observa-se que a queda de popularidade da presidente é evidenciada por meio dos números apresentados, que ancoram e fornecem mais credibilidade à informação elaborada. Contrapondo os dados positivos do início do governo com os que denotam o decréscimo de aprovação do povo, enfatiza-se o declínio do gosto da população pelo governo de Cristina Kirchner.

Continuando, a FD2 recebeu a denominação “Na presidência, os Kirchner” pelo fato de que em suas SD o governo argentino é apresentado como tendo dois líderes, a presidente, Cristina Kirchner, e seu marido, Néstor Kirchner. Não raro, atribui-se ao governo tomadas de decisão conjuntas entre ele e Cristina ou ainda, características e posturas próprias de Néstor.

As matérias reforçam a ideia de atuação dupla, por meio de fatos que remetem ao apoio de Kirchner para com o governo de sua esposa, às estratégias adotadas por ambos para que os conflitos internos possam ser resolvidos sem tantas dificuldades, e inclusive através da aglutinação dos dois protagonistas políticos (Cristina e Néstor) em expressões como “os Kirchner”, “casal presidencial” e, simplesmente “os K”.

Em outro sentido, a FD3 “A pressão dos ruralistas” e a FD4 “Manifestações pela Argentina” remetem às mobilizações que ocorreram no país, durante os meses de março, abril, maio e junho. Ambas buscam trazer os discursos que se referem aos movimentos decorrentes da crise, quer seja, manifestações pressionando o governo a reverter o decreto das retenções, protestos da população nas cidades, campanhas pró-governo, os tradicionais painéis argentinos, os piquetes organizados, e similares.

As SD denotam a força que as manifestações adquiriram ao longo da crise e a intensidade com que se exigia que as reivindicações fossem acatadas. Nesse sentido, além de manifestações contra o governo, aparece todo tipo de revolta: movimentos contra os ruralistas que bloqueiam estradas, contrapiquete dos caminhoneiros, painéis da população urbana em virtude do desabastecimento nas cidades, atos públicos a favor do governo, protestos exigindo uma postura diferente a Cristina Kirchner. Enfim, reclames contrários à crise em geral.

Na sequência, recebendo o nome “Reminiscências de crises anteriores”, a FD5 diz respeito às informações que buscavam no passado argentino situações de crise, e se



utilizavam de exemplos de momentos semelhantes ao que o país estava vivenciando. Observa-se um resgate da memória argentina e de um suposto medo dos argentinos de que o ano de 2008 também marcasse um período duro e tenso.

Finalmente, a FD6, “Prejuízos para o Brasil”, refere-se diretamente ao que a crise trouxe de consequências para o país vizinho. Apesar de seus sentidos não serem reiterados tantas vezes quanto o das FD anteriores, sua importância é extrema por estar vinculada diretamente ao caráter relacional das identidades, no sentido da dependência com aquilo que ela não é.

Nessa direção, o que aparece são principalmente preocupações financeiras, relacionadas às cargas levadas por caminhoneiros brasileiros e impedidas de ser entregues devido a piquetes nas rotas argentinas, e ainda às negociações bilaterais que ocorrem entre Brasil e Argentina, com o limite de compra dos produtos.

A Ruta 14, a Rodovia do Mercosul, tornou-se cenário do principal piquete de agricultores que protestam contra o governo argentino. **E um pesadelo para caminhoneiros brasileiros.** [...] Na segunda-feira, **dezenas de caminhoneiros brasileiros foram vítimas dos piquetes** perto de Gualeguaychú. (SD1)<sup>12</sup>.

Pode-se destacar a distinção entre “nós” e “eles”, explicitada no percurso teórico por meio da relação entre identidade e diferença. A crise ocorre no país vizinho, portanto, com os “outros”. Todavia, pela extensão de seus impactos, torna-se um pesadelo para os “nossos” trabalhadores, que são colocados como vítimas dos protestos argentinos.

Convém trazer outros exemplos de SD referentes aos problemas advindos para o Brasil com a crise do país vizinho. Nessa direção, percebe-se que o discurso apresentado por Zero Hora diz respeito principalmente à exportação de grãos argentinos, limitada, em virtude do conflito.

Apesar do anúncio, **a remessa de trigo ao Brasil não será fácil.** Ao mesmo tempo em que autorizou a venda de mais 100 mil toneladas, **o governo estipulou uma série de medidas burocráticas que deverão ser atendidas pelos exportadores.** (SD2)<sup>13</sup>.

Para o presidente do Sindicato da Indústria do Trigo no Estado, Cláudio Luiz Furlan, **pela limitação de 2 mil toneladas por**

<sup>12</sup> “Crise de confiança na Argentina”. *Zero Hora*. Quarta-feira, 14 de maio de 2008, p. 18.

<sup>13</sup> “Argentina autoriza venda extra de trigo”. *Zero Hora*. Terça-feira, 20 de maio de 2008, p. 20.



**exportador, o embarque para o Brasil só seria viável se fosse feito de forma coletiva. E o volume total de 100 mil toneladas é considerado modesto (SD3)<sup>14</sup>.**

Assim, as representações apontam imposições e excessos burocráticos por parte da Argentina, dificultando a negociação entre os países. Além disso, assinalam que a quantidade do produto liberada para o Brasil é irrisória considerando as necessidades do país e o volume de trigo que era comprado até então. Ou seja, colocam inquietações e prejuízos da crise para o “nosso” país, e não para o “deles”.

A próxima SD mostra uma alteração no foco de abordagem do jornal. Mantendo a questão ligada ao Brasil, observa-se que Zero Hora constrói as referências da problemática junto ao âmbito regional, denotando preocupações do cenário internacional para com a situação argentina. As representações do conflito são elaboradas considerando o receio de influências negativas para o Mercosul, os riscos que traria para o Brasil uma aproximação ainda maior entre Argentina e Venezuela (ou Cristina e Chávez), e a apreensão dos governos brasileiro e estadunidense com os contornos assumidos pela crise.

Aproximação maior com Chávez seria **revés para Brasil (SD4)<sup>15</sup>**

Segundo o exposto pelo jornal, a crise estaria “forçando” uma aproximação ainda maior entre Argentina e Venezuela, o que poderia significar um afastamento desses países com o Brasil que cada vez mais se consolida como líder na região.

Concluindo, importa trazer outra SD elaborada junto ao discurso do jornal analisado. Observa-se como a conjuntura de preocupação dos brasileiros diante da crise se mostra nos enunciados desenvolvidos por Zero Hora, no transcurso de 2008.

Duração do conflito **começa a preocupar brasileiros (SD5)<sup>16</sup>**.

Em um sentido mais restrito, dirigentes de empresas brasileiras com sede na Argentina ou com acordos financeiros firmados com o país vizinho se mantêm na tensão de possíveis calotes e/ou cortes orçamentários em detrimento dos problemas

---

<sup>14</sup> “Argentina autoriza venda extra de trigo”. *Zero Hora*. Terça-feira, 20 de maio de 2008, p. 20.

<sup>15</sup> Subtítulo “Aproximação maior com Chávez seria revés para Brasil”, faz parte da reportagem “Em meio ano, governo Cristina desanda”. *Zero Hora*. Domingo, 08 de junho de 2008, p. 34.

<sup>16</sup> Título da reportagem “Duração do conflito começa a preocupar brasileiros”. *Zero Hora*. Quinta-feira, 19 de junho de 2008, p. 30.



enfrentados pelos *hermanos*. Desse modo, as matérias são construídas atentando a possibilidades de acontecimentos, pois na realidade, até então, nada de tão definitivo havia se confirmado.

As representações midiáticas remetem à instabilidade do país, à falta de confiança do mercado externo, ao risco de uma crise ampla e intensa como algumas vivenciadas anteriormente. Assim, pode-se visualizar que o jornal Zero Hora contribui com a manutenção de um discurso de incertezas atribuídas à realidade da Argentina. Além desse fator, percebe-se que as representações do país, não raro, são elaboradas por meio de discursos anteriores, confirmando e/ou construindo novos estereótipos.

Chegando à finalização da pesquisa, o próximo momento pretende resgatar pontos que se mostraram relevantes e fundamentais às indagações que se buscou atender. Dessa maneira, atenta-se às representações da presidente Cristina Kirchner, trazidas por Zero Hora. Na mesma medida, pondera-se sobre as Identidades Argentinas que são construídas nos discursos da publicação.

### **Considerações finais e pertinentes sobre a abordagem verificada na pesquisa**

Tendo perpassado noções teóricas imperativas a pesquisa, aliando-as na atividade prática de análise, é possível algumas inferências sobre o modo como Zero Hora procedeu à cobertura da crise entre o governo e ruralistas na Argentina. Assim, primeiramente, cabe apontar representações de Cristina Kirchner que contrariaram as expectativas ou que apresentaram mudanças na publicação com o passar do tempo.

Pode-se afirmar que a aparência e vaidade de Cristina não aparecem com tanta ênfase como em períodos anteriores. Durante sua campanha eleitoral e logo que assumiu o governo, a presidente recebia destaque da mídia pelos cuidados e pela preocupação ao se apresentar em público. O modo de se vestir, a maneira como o cabelo estava arrumado, a maquiagem que utilizava inclusive, eram questões presentes nas notícias de jornais e revistas.

Com a crise, o foco se volta a aspectos negativos da presidente, em geral, relativos ao caráter. A aparência parece não importar diante das posturas de Cristina frente ao governo. Mesmo estando em uma matéria, a relação com a imagem física mudou de formato. Se antes era atrelada à beleza da presidente, agora evidencia o desgaste e a perda da bela aparência.

Outro aspecto, diz respeito à figura de Evita e a possíveis comparações entre essas duas mulheres de renome na política argentina. Em nenhum momento se observou



referências a Eva Perón nas matérias analisadas. Talvez, o fato se deva à situação crítica que Cristina enfrentava não ser parâmetro de aproximação ou semelhança com a trajetória de Evita.

Apesar de simbolizarem a mulher como destaque no cenário político argentino, e do envolvimento afetivo com homens influentes que exerceram o cargo de presidente do país, essas similaridades não são exploradas. Na publicação, as representações de Cristina seguem outro viés que não o do carisma e do apelo popular atribuídos a Evita.

As representações construídas acerca da presidente apontam para uma governante enfraquecida, derrotada, sem soluções para a crise instaurada. Ainda, Cristina é apresentada como intransigente, não afeita ao diálogo e às negociações. Nessa direção, pode-se considerar que as representações do governo da Argentina e das decisões tomadas nesse âmbito são atreladas principalmente à figura presidencial.

Atribui-se a Cristina resoluções, problemas advindos de tais medidas, ausência de possibilidades que contenham o impasse, protestos pela cidade, paralisações nas rodovias. Enfim, parte significativa das problemáticas relacionadas ao governo de modo geral é elaborada por meio de conexões diretas com a presidente.

Importa considerar também que as representações de Cristina são construídas atreladas à figura de seu marido, o ex-presidente, Néstor Kirchner. A influência pode ser visualizada por meio de associações nas quais o governo é apresentado como tendo dois dirigentes (Cristina e Néstor). Assim, tendo em mente a crise, foi comum o uso de representações que assinalavam a derrota do “casal Kirchner”.

Seguindo no que foi referido, a partir da observação de Zero Hora, aponta-se um comando debilitado, com as bases de apoio deterioradas. Constroem-se representações de um partido dividido, abalado e isolado. Com relação a esse partido, o periódico trabalha com kirchnerismo e peronismo, contudo, não explica de forma satisfatória a que se referem.

Voltando as considerações às Identidades Argentinas, percebe-se que são construídas através de fatores históricos como o temor pela vivência de crises anteriores, as preocupações atuais devido às situações do passado. Em um sentido amplo, as representações denotam uma Argentina insegura diante dos problemas financeiros e políticos, assustada pelas lembranças daquilo que já enfrentou. De modo mais específico, aparecem argentinos afoitos em busca de dólares, moeda que lhes traria garantias diante do perigo de um novo confisco bancário.



Além disso, a elaboração das identidades dos argentinos remete a um espírito contestador e reacionário, que não se sujeita a imposições, relutante diante do que vai contra seus interesses. Para construir as Identidades Argentinas, Zero Hora se apropria de aspectos evidenciados no país vizinho, como o método de protestar, batendo painéis, paralisando rodovias, manifestando-se do modo que se tornou característica argentina ao longo dos anos.

Buscando enfatizar essas representações identitárias, a publicação traz o líder ruralista, Alfredo De Angeli, como ícone representativo da Identidade Argentina. Relevando posições políticas e aspectos ideológicos, nessa figura, estariam simbolizados, de certa forma, todos os argentinos, no sentido da mobilização por aquilo no que acreditam e pelo que lutam. Pessoas comuns que, pela manifestação e atuação conjunta, exercem pressão e mudam os rumos de seu país.

Aproximando-se da finalização desse momento reflexivo, outro ponto imprescindível de ser mencionado diz respeito às demarcações entre “nós” e “eles”. Nas matérias analisadas, esse processo simbólico ocorre quando o assunto converge aos interesses comerciais e econômicos do Brasil. Assim, é perceptível em conjunturas que apontam a “nossa” economia condicionada ao fornecimento de alimentos dos “outros”, no caso, os argentinos. Ou ainda, ao assinalar situações em que “nós” temos restrições nas negociações com “eles”.

No decorrer do estudo, certas indagações foram respondidas e outros questionamentos surgiram. A partir dessa perspectiva, a continuação da pesquisa seria de extrema pertinência, visto que aspectos importantes como o discurso icônico e as representações sociais não foram contemplados, por inúmeros fatores. Nesse sentido, percebe-se ainda a necessidade de aprofundar os estudos sobre o feminino e a questão do gênero. Contudo, pela complexidade de tais pesquisas, essas colocações são postas mais como sugestões do que como objetivos.

Por fim, tendo em mente o modo como o discurso jornalístico de Zero Hora desenvolve as representações da presidente Cristina Kirchner e constrói as Identidades Argentinas, considera-se que o periódico contribui na elaboração, divulgação e legitimação de estereótipos referentes ao país vizinho. Além disso, pelo contato que se teve com as formações discursivas, acredita-se que sim, a cobertura da publicação auxilia, com maior ou menor intensidade, nas concepções que seus leitores têm da Argentina e dos argentinos.



### Referências bibliográficas

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 1, p. 107-122.

BENETTI, Marcia; JACKS, Nilda Aparecida. O discurso jornalístico. In: **X Compós - Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Brasília, 2001. Disponível em: < [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1217.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf) >. Acesso em: 01 de dezembro de 2009.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7.ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 2.ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3.ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi [et al]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997b.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. Representações midiáticas, memória e identidade. In: **VII Colóquio Brasil-França**. Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM. Porto Alegre: PUCRS-INTERCOM, 2004.